

# **CULTURA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE NO RIO DE JANEIRO – VIVÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES DOS CIDADINOS ANTE OS PROCESSOS DE GLOBALIZAÇÃO E DE MERCADIZAÇÃO DAS CIDADES.**

Rosemere Santos Maia.

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Brasil

[rosemaia@terra.com.br](mailto:rosemaia@terra.com.br) [rosemaia@ess.ufrj.br](mailto:rosemaia@ess.ufrj.br)

As cidades, nos últimos 30 anos, passaram por transformações significativas, tanto em forma, quanto em conteúdo. Processos globais alteraram, significativamente, suas estruturas espacial e sócio-econômica, a natureza da produção social e do consumo de bens e serviços, além de terem produzido impactos significativos na cultura, no patrimônio, no próprio olhar que cada um dos cidadãos constrói a seu respeito.

As representações da população em relação ao urbano, bem como sua identidade na e com a cidade vão, assim, sendo delineadas de maneira pouco clara. Dá-se uma crescente dificuldade de decifração dos limites da cidade, daquilo que lhe é próprio. Múltiplos são os códigos e sinais que ela emite e representa. Seu patrimônio, sua cultura são, não raras vezes, transmutados em mercadorias, adequando-se a imperativos de ordem econômica e política.

Através do presente trabalho, objetivamos discutir estas e outras questões, partindo, para tal, dos olhares de cariocas, moradores do Centro e de Copacabana, acerca da Cidade do Rio de Janeiro: o sentido de “carioca da gema”, principais símbolos da cidade, cultura, patrimônio e monumentalidade, publicização X segregação na vivência/utilização dos espaços e equipamentos urbanos ante os projetos de revitalização empreendidos pelo Poder Local, etc.

Palavras-chaves: Cidade, Rio de Janeiro, identidade, cultura, patrimônio.

## **I. Introduzindo a questão: o Rio de Janeiro diante dos processos globais e das exigências postas pelo “mercado mundial de cidades”.**

As cidades, desde os anos 80, vêm passando por transformações significativas, tanto em forma, quanto em conteúdo. Processos globais alteraram, significativamente, suas estruturas espacial e sócio-econômica, a natureza da

produção social e do consumo de bens e serviços, demonstrando o anacronismo e a insuficiência tanto das interpretações, quanto dos instrumentos para o enfrentamento das novas demandas que se apresentam no contexto urbano.

Não há como desconsiderarmos, nesse sentido, as novas dinâmicas decorrentes do processo de reorganização industrial, do desenvolvimento científico-tecnológico e informacional, do crescente peso do setor de serviços na economia metropolitana, bem como da nova formatação estatal (surgida após a crise do Welfare State). O mundo urbano, mais e mais, parece escapar de definições pautadas em "velhos" dualismos, como centro-periferia, urbano-suburbano, campo-cidade, etc.

Todas estas transformações produziram importantes impactos no olhar que cada um dos cidadãos constrói em relação à cidade. Tais representações, bem como a identidade - *nela* e *com ela* - forjadas pela população vão, assim, sendo delineadas de maneira pouco clara. Presenciamos uma crescente dificuldade de decifração dos *limites* da cidade, daquilo que lhe é próprio. Múltiplos são os códigos e sinais que ela emite e representa. *Seu* patrimônio, *sua* cultura são re-significados, redimensionados e, não raras vezes, transmutam-se em mercadorias, adequando-se aos imperativos de ordem econômica e política. SOJA (1998) já indicara tal tendência ao referir-se ao fato do patrimônio urbano configurar-se como um elemento central da chamada economia cultural das cidades. Neste sentido, tem sido a tônica dos governos locais o investimento na recuperação e revitalização de sítios e prédios históricos detentores de alto conteúdo simbólico, deixando-os em plena sintonia com o atual estágio do capitalismo e com as demandas de consumo dos segmentos privilegiados.

No Rio de Janeiro, como não poderia deixar de ser, tais alterações também vêm se processando. Não somente a *arquitetura* da Cidade, como também o olhar dos cidadãos e sua experiência do urbano vêm sofrendo transformações significativas.

No que se refere ao primeiro aspecto, inúmeras (e nem sempre exitosas) são as ações desencadeadas pelo Poder Público - em parceria, ou não, com a iniciativa privada-, tendo em vista a correspondência às novas exigências colocadas às cidades, nestes novos tempos: intervenções urbanas que enfatizam o embelezamento da Cidade, a criação de infra-estrutura em consonância com as demandas postas pelo terciário avançado, o investimento em espaços de cultura e lazer, o controle social,

tendo em vista a aposta no aspecto vislumbrado como a grande vocação da Cidade- o turismo.

Favela-Bairro, Rio-Cidade, revitalização do Centro e da Zona Portuária; tombamento de prédios históricos, restauração de monumentos, construção de novos espaços de cultura e lazer (Cidades do Samba, da Criança e da Música); pavimentação da orla (criação de “calçadões” e instalação de quiosques) - tantas têm sido as iniciativas que, não raras vezes, o que se constata, por um lado, é a assunção pela população de uma condição de simples expectadora destas iniciativas ou, quando muito, de seu sujeito passivo. Para planejadores e gestores, por sua vez, tais ações tanto podem garantir o reconhecimento de sua competência técnica e/ou a obtenção de ganhos políticos e “eleitoreiros”, quanto podem contribuir para a transformação da cidade em uma *marca*<sup>1</sup>, uma *mercadoria*, passível de ser negociada.

## **II- Cariocas falam sobre a cidade...**

No que se refere ao segundo aspecto - qual seja, a experiência do urbano e o olhar dos cidadãos (cariocas ou não) em relação ao Rio de Janeiro-, também podemos verificar transformações significativas. Entrevistando oitenta cariocas, moradores de duas áreas da Cidade (área central e bairro de Copacabana), constatamos, em linhas gerais, a presença de sentimentos ambíguos, contraditórios em relação à cidade, sua história, seus processos constitutivos. Dentre as muitas questões mencionadas, algumas, especialmente, nos chamaram à atenção – e a elas, ao longo do presente trabalho, daremos uma ênfase maior: as transformações experimentadas pela cidade (sobretudo a partir das duas últimas décadas do século passado) , sua vocação, a constituição e recuperação de seu patrimônio e a construção/afirmação da identidade do carioca.

### **II.1- A Cidade, a política e os políticos...**

Indagados sobre as mudanças observadas na cidade ao longo dos últimos vinte anos, os entrevistados demonstraram que grande parte delas possui uma conotação negativa: geralmente referidas ao aumento da violência, da pobreza, da população de rua, das favelas, do comércio ambulante, questões que, segundo eles, explicitam as contradições e desigualdades emanadas do atual estágio do capitalismo,

bem como põem à prova a competência do Poder Público no que tange à criação de políticas sociais, em geral, e de geração de emprego e renda, em particular. Neste sentido, foram quase unânimes quanto a um ponto: os políticos que têm passado pela Cidade não vêm merecendo, através das ações que desenvolvem, a plena aprovação dos cidadãos: falta de palavra ( “prometem, mas não cumprem”), corrupção, *safadeza* foram as expressões que mais ouvimos dos informantes. CALDEIRA (1984), falando sobre a forma como os moradores da periferia pensam a respeito do poder e dos poderosos, elucida esta questão:

*“De um modo geral, quando os entrevistados falaram do “governo”, foi para dizer em que estava errado ou o que deveria fazer. Muitas razões foram apontadas para explicar por que quem ocupa o lugar todo-poderoso - de onde teria condições de regular o custo de vida, fornecer educação para todos, licença para os pobres trabalharem por conta própria, que poderia impor aos patrões os salários justos a serem pagos e assim por diante - não está usando o seu poder para o que deveria”.*

Os discursos de nossos entrevistados, embora não sendo moradores da periferia, acabaram por ratificar as considerações da autora.

Mesmo desqualificando e/ou criticando várias ações dos políticos e das demais autoridades, conseguem perceber, entretanto, alguns avanços e intervenções positivas no espaço urbano, sobretudo aquelas referentes à modernização da cidade e à sua organização espacial, sem falar na melhoria dos serviços existentes e na ampliação do comércio e das opções de lazer. Porém, consideram-nas, em alguns aspectos, insuficientes para o atendimento às demandas da população local. Saúde, educação e segurança são vistas pelos moradores de ambas as áreas como aspectos menos privilegiados pelos governantes, já que não possuem tanta visibilidade quanto obras de embelezamento, investimentos em espaços culturais, esportivos e de lazer. Estes, sim, são capazes de atrair os turistas, assim como parceiros do setor privado, dado o claro interesse demonstrado por alguns de seus representantes em conferir ao Rio um patamar de competitividade no mercado mundial de cidades, explorando sua vocação turística - e lucrando com isto, é claro!

Bom exemplo disso é o carnaval que, ao longo do tempo, passou a receber investimentos massivos por parte tanto do Estado, sendo visto como importante elemento de atração de parceiros privados, turistas e “louros” para os governantes. Nossos depoentes demonstraram clareza em relação às mudanças processadas no carnaval carioca – visto por eles como uma marca cultural da cidade. Neste sentido, foram várias, porém discretas, em seus discursos as referências à lógica empresarial/mercadológica - há muito iniciada - que passou a dar o tom ao Reinado de Momo. Reconhecem a imposição de uma organização espacial e de um controle por parte do poder público sobre as atividades carnavalescas, iniciado há muitas décadas, mas que teve como marco principal a transferência dos desfiles das maiores agremiações para a Passarela do Samba, ocorrido na década de 80.

A inauguração da Cidade do Samba, em 2006, situada na Região Portuária, mais que corresponder aos imperativos postos pela produção do desfile<sup>ii</sup>, atende, claramente, a outras necessidades e objetivos, quais sejam: o de revitalizar uma área que, há décadas, vem passando por um processo de deterioração, de obsolescência; atrair investimentos privados para a localidade; ratificar a importância do carnaval - especialmente do desfile das escolas de samba - no calendário de eventos do Rio (e, neste sentido, a Cidade do Samba, através das inúmeras atividades se propõe a congregar, torna-se capaz de dar visibilidade ao carnaval durante todo o ano); além, é claro, de reforçar o caráter empresarial alcançado pelas grandes agremiações, “descolando” sua imagem de atividades ilícitas, como o jogo do bicho e o tráfico de drogas.

## **II.2: “O Rio de Janeiro continua sendo”? a necessidade de resgate de uma imagem positiva da cidade...**

Nossos entrevistados foram incisivos, em sua maioria, em afirmar que o Rio de Janeiro passa, hoje, por uma enorme crise, referida, principalmente, à violência urbana, nas suas mais variadas expressões. Ela, sem dúvida, tem sido determinante na alteração de seus hábitos cotidianos e na afirmação do imaginário do medo<sup>iii</sup>, materializado nas estratégias cada vez mais comuns entre os moradores dos grandes centros urbanos: o recolhimento aos espaços privados, o individualismo, a falta de solidariedade, a evitação. As saídas encontradas afetam tanto sua forma de

experimentação e vivência do espaço público, como interferem nas suas relações comunitárias e de vizinhança. No Morro da Conceição<sup>iv</sup>, por exemplo, vários informantes ressentem-se do fato de não poderem manter, da mesma maneira, práticas que eram, há alguns anos atrás, tão usuais, como a conversa de portão, as festas comunitárias (juninas, por exemplo), as brincadeiras na rua (jogo de futebol, o carteadado, dentre outras).

Através dos depoimentos, pudemos depreender uma visão saudosista em relação a um “*passado que não volta mais*”, visão esta em plena sintonia com aquilo a que ANICO (2005) chama de “indústria da nostalgia”.<sup>v</sup> Passado que pode ser melhor descrito se referido a uma época em que a Cidade possuía *glamour*, era referência cultural e detentora de primazia no contexto nacional; verdadeiro cartão-postal do País diante do mundo. Passado maculado pela corrupção, pelo tráfico, pela miséria, pelo desemprego. Diante deste quadro, fica mais fácil entendermos a importância atribuída aos cidadãos ao patrimônio, o que nos remete às considerações de ANICO (2005, 77-8):

*Os objectos patrimoniais assumem, nesse contexto, particular relevância enquanto representações de um passado que procuram enfatizar uma noção de continuidade, coesão e pertença, do mesmo modo que operam como elementos de mediação de uma memória referente a um local e a um tempo que, perante a impossibilidade de ser recuperado é, assim, recriado no presente.*

Muitos dos nossos entrevistados fizeram, explicitamente, ou não, referência à importância, hoje, do resgate do patrimônio. Ele está na ordem do dia e demonstra orientar tanto as ações, quando as representações de vários atores sociais, sendo notória a ampliação de seu conceito. Segundo SANTOS (2001, 43-44), ele

*foi deixando de ser simplesmente herdado para ser estudado, discutido, compartilhado e até reivindicado. Ultrapassam-se a monumentalidade, a excepcionalidade e mesmo a materialidade como parâmetros de proteção, para abranger o vernacular, o cotidiano, a imaterialidade [...] Passa-se a valorizar não somente os vestígios de um passado distante, mas também a contemporaneidade, os processos, a produção.*

Seu resgate, atualização e preservação através das *pedras*, monumentos e símbolos que se inscrevem no contexto da cidade aparecem como elementos discursivos e orientadores de algumas das ações e representações de técnicos, dos cidadãos e de seus representantes. É como se a premissa fosse a necessária retratação de todos que, em nome da modernidade, por ação ou omissão, deixaram que o pragmatismo se sobrepujasse a história. Segundo GARCÉS (2004: 29), constata-se uma tendência à geração de uma *cultura do patrimônio*, entendida como equivalente a uma *cultura cidadã*.

A invasão das cidades, a partir dos anos 90 principalmente, por projetos de requalificação urbana demonstra, claramente, a existência de um certo consenso quanto à importância de se recuperar, preservar, visitar e atualizar o passado, valorizar elementos da cultura local. Mas longe de ser, tão somente, o reconhecimento da relevância histórica e/ou cultural de determinados monumentos, símbolos ou práticas para a população de uma dada localidade, cidade ou país, tais ações, segundo SEOANE, têm se sustentado, em parte, pela

*Recuperación del patrimonio arquitectónico obsoleto y degradado [...orientando-se] a cubrir las necesidades de representación de la nueva economía y las demandas de consumo diferenciado de los nuevos sectores medio-altos, para quienes el patrimonio urbano rehabilitado reúne suficientes marcas distintivas capaces de aportar un plusvalor, tanto económico como de prestigio [...] El amplio consenso que suscitan este tipo de operaciones permite que pueden ser rentabilizadas a diferentes niveles (político, económico, cultural, etc.). Si en el movimiento italiano de los setenta, el proyecto de ciudad encerraba la gran utopía social de alcanzar una ciudad justa y solidaria, en este período el proyecto público consiste en ofrecer un buen producto a quien pueda comprarlo. (2001, 148-9)*

Nossos entrevistados, em sua quase totalidade, apontaram para a necessidade de ações neste sentido e, de modo geral, afirmaram conhecer alguns projetos em consonância com os preceitos do Urbanismo de Terceira Geração -, sobretudo os moradores do Centro, em razão de residirem numa área que, nos últimos 20 anos, têm sido objeto de iniciativas as mais diversas e controversas neste sentido.

A maioria utilizou como argumento o fato delas proporcionarem melhorias para a Cidade, em termos de infra-estrutura e equipamentos urbanos – criação de espaços culturais, restauração de prédios históricos e monumentos, investimentos em praças e vias públicas que ocupam lugar estratégico para a cultura e o turismo, etc.

Outros enfocaram a necessidade de valorizar a Cidade - restaurando sua imagem dentro e fora do País<sup>vi</sup> -, revitalizá-la e dinamizá-la, reconhecendo, com isto, a perda da primazia do Rio ao longo das últimas décadas. Poucas pessoas, contudo, associaram tais projetos à alteração qualitativa das condições de vida, bem como à promoção do bem-estar da população carioca. Subjacente ao discurso dos demais está a máxima que foi explicitada por um dos que desconfiam destas “boas intenções”: “são obras pra gringo ver!

Falas como essa, demonstram que os entrevistados constatarem que a qualificação e a ampliação dos equipamentos urbanos para a prática de atividades culturais e de lazer no Centro e em várias outras partes da Cidade, a reabilitação e a restauração de prédios históricos, museus e monumentos – ainda que vistas como louváveis -, não têm implicado, contudo, numa efetiva frequência e utilização destes espaços por parte dos moradores locais.

A população, de modo geral, tem se mantido numa posição de alheamento ante a estas iniciativas. Assim ocorre com os desfiles das escolas de samba, não sendo diferente em relação a outras atrações e espaços culturais. Alguns os conhecem de “*passar em frente*” ou de “*ouvir falar*”. Quando muito, freqüentam eventos gratuitos ou realizados em períodos especiais (incentivados, por exemplo pelos ingressos a R\$1,00, no último domingo do mês, nos teatros e lonas culturais da Prefeitura; o projeto Carioquinha – período em que algumas atrações são oferecidas aos cariocas e moradores da Região Metropolitana do Rio com preços promocionais). É como se o normal fosse a destinação de tais espaços, eventos/atrações aos turistas, cabendo à população local a excepcionalidade.

Em se tratando, especificamente, dos museus e das exposições, é fato que, a partir da década de 90, a frequência pela população local vem sendo incentivada a todo momento, sendo a tônica dos discursos daqueles que organizam/administram tais espaços e eventos culturais a máxima de que a cultura precisa circular, ser socializada.

Neste sentido, busca-se atrair não só aqueles que já detêm capital cultural, os turistas e os especialistas, mas também a pessoa comum e, para tal, altera-se o *ethos* museológico. Segundo ANICO (2005), se antes ele era centrado no objeto (que possuía uma dimensão autoritária diante do cidadão observador, impondo-se a ele), hoje se centra nos visitantes, transmutados em consumidores, que são incentivados a ter uma relação ativa, e não meramente contemplativa, com o objeto exposto. Quando possível, não somente a visão é estimulada, mas todos os sentidos entram neste jogo.

### **II.3- Os símbolos da Cidade - o(s) sentido(s) da “alma carioca”...**

Muito mais que prédios e monumentos históricos, nossos entrevistados foram hábeis em considerar como patrimônio elementos outros, capazes de identificar a cidade e diferenciá-la (e a seus moradores) de outras. Tal habilidade vai ao encontro do que é sustentado também por ALFONSO (2003: 100), ao afirmar:

*Patrimonio es aquello que identifica a los grupos humanos, aquello por lo que se diferencia a los individuos pertenecientes a distintas etnias, e incluye aspectos tan dispares como a arquitectura, las leyendas, los útiles de labranza, los textos históricos o los que nos hablan de tecnología actual; también la música, la poesía o el vestido, así como los conocimientos que se tienen sobre las formas de producir.*

*Ahora bien, dichas manifestaciones tienen que ser reconocidas por los grupos como propias para que puedan considerarse patrimonio cultural, las producciones, ya sean individuales o grupales, deben ser aceptadas y asumidas por la colectividad, por lo que quedan desechados los productos de modas pasajeras. Así, aunque el patrimonio se construya continuamente, no se define como tal hasta que no ha sido incorporado a las formas de vida del grupo.*

Indagados sobre os principais símbolos da Cidade, os informantes, em sua maioria, referiram-se a monumentos ou a lugares<sup>vii</sup> que, de certo modo, traduzem sua alma - a beleza, a cultura, o cosmopolitismo: Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Maracanã, praias (sobretudo Copacabana), carnaval, Lapa seriam, destarte, os mais legítimos patrimônios do Rio de Janeiro, não só pela importância e o sentimento de orgulho e pertencimento<sup>viii</sup> que despertam entre os cidadãos, mas, sobretudo, pelo fato

de terem se tornado marcas da Cidade, sendo reconhecidos inclusive internacionalmente - ainda que, em muitos casos, não sejam sequer visitados por ampla maioria de seus moradores.

O diferencial do Rio em relação a outras cidades residiria, segundo os depoentes, no fato de dispor, ao mesmo tempo, de *natureza, monumentalidade* e história - o que poucas são capazes de congregarem, ainda que nem sempre tais aspectos encontrem-se em perfeita harmonia entre si, ou sejam capazes de neutralizar os efeitos de outros que maculam sua imagem – como a pobreza e a violência. Esse diferencial é capaz, segundo os entrevistados, de despertar naqueles que não são cariocas sentimentos pouco nobres, como a inveja e o despeito, os quais os moradores do Rio, de modo geral, preferem ignorar, preferindo reafirmar a identidade e o amor pela Cidade.

Os monumentos e lugares acima mencionados não teriam, em si, maior valor se não expressassem, em alguma medida, *o jeito carioca de ser*: a hospitalidade, a simpatia e a alegria – expressas nos braços abertos do Cristo; a modernidade, a pluralidade, a diversidade e a sensualidade – visíveis nas praias, especialmente em Copacabana; o espírito esportivo – sintetizado na remissão ao Maracanã; a malandragem<sup>ix</sup>, a importância atribuída ao lazer<sup>x</sup> e à boemia – presentes nas referências à Lapa e ao carnaval.

Torna-se visível, através dos depoimentos, que ainda que a universalização, a globalização e a mercadização das cidades imponham-se como forças estruturantes na contemporaneidade (ANICO, 2005: 73) – sendo visíveis no trato do patrimônio, sobretudo o arquitetônico-, não há como negarmos que também se coloca como possível, segundo a mesma autora, o renascimento da localidade, *“mediante instrumentos de identificação e vinculação locais que [...] resultam na construção de novos referentes simbólicos de filiação coletiva através da valorização das memórias e do patrimônio local.”*

É interessante notar que, mais que simples referências espaciais, os lugares e monumentos que, segundo os entrevistados, se constituiriam em principais símbolos da cidade – e dos próprios cariocas – seriam, assim, “objetos sinais” (Palumbo, apud BIASE, 2001, 179), servindo, segundo BIASE (2001) à modelagem do

tempo, da memória, da história e da identidade. Para a autora, “esses lugares da memória nos fala não somente no passado mas, ainda mais, eles justificam e confirmam o tempo presente.”

Contudo, não são somente monumentos e lugares que, segundo os informantes, materializariam a essência da Cidade e o jeito carioca de ser. Ídolos da música, da tv, da política, dos esportes, do carnaval, da literatura, dentre outros, também apresentariam tal capacidade, sendo vistos como legítimos patrimônios do Rio de Janeiro - ainda que alguns dos citados sequer sejam cariocas, como é o caso de Roberto Carlos (de Cachoeira do Itapemirim, ES), Martinho da Vila (de Duas Barras, RJ), Leonel Brizola (Passo Fundo, RS), Ary Barroso (Ubá, MG), dentre outros.

Há de se ressaltar que foram personalidades vinculadas à música e ao esporte aquelas mais referidas pelos entrevistados, demonstrando a importância destes elementos na constituição da cultura da Cidade e da identidade de seus moradores. Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Zeca Pagodinho e Noel Rosa foram os mais citados no que diz respeito à música, e Romário e Ronaldo em relação ao esporte (mais precisamente ao futebol).

No que se refere especificamente aos compositores/cantores, longe de pensarem na natureza da filiação destas personalidades a algum movimento ou estilo musical, o que ficou explícito na fala dos entrevistados foi o fato destes *personagens* darem visibilidade, através de suas obras, a aspectos fundamentais da cultura carioca e, mais que isto, de serem agentes de sua difusão. Daí o orgulho que os cidadãos têm em relação a eles. Além disso, traduzem múltiplas dimensões, como já dissemos, do carioca e de seu jeito de ser: Noel Rosa, Zeca Pagodinho e, em alguma medida, Chico tematizariam a malandragem, a transgressão, o ócio, apresentando aspectos do cotidiano dos segmentos urbanos (trabalho, cultura, lazer, política). Referindo-se, especificamente a Noel Rosa, afirma TOTA:

*Personagens urbanos, vivendo no limite do miserê (miséria), corporificados nas "profissões", no cotidiano. Profissões de deserdados, de um lumpenproletariado subproduto da modernidade. Baleiro e jornaleiro – "profissões" de homens sem profissão. (2001,45 )*

Tom e Vinícius, por sua vez, dada sua projeção internacional e ao fato de, em certa medida, serem experts na mediação entre o popular e o erudito, a música e a poesia, tornaram-se alvo de reverências por parte dos que a eles se referiram. O encantamento presente em suas canções em relação à Cidade (sua beleza, suas mulheres, o samba) e a seus personagens, ao País e à sua fertilidade quanto a elementos naturais e culturais promove a auto-estima daqueles que nasceram e foram criados num Rio de Janeiro que se, hoje, é tão prenhe de problemas, ainda assim guarda um enorme potencial para manter a sua imagem de "Cidade maravilhosa".

A menção a alguns ídolos do esporte –especialmente do futebol - como fiéis representantes do jeito carioca de ser é fundamental para a compreensão de algumas representações que dão suporte a tais escolhas.

A primeira delas refere-se à origem social destes jogadores (todos vindos de famílias pobres) em contraponto ao sucesso alcançado. Para muitos dos entrevistados, isto deve servir de exemplo para os meninos pobres da Cidade para o não envolvimento com a violência e a criminalidade. Subjacente a discursos como este constatamos elementos extremamente interessantes, que nos reportam, por exemplo, a estereótipos que associam pobreza à criminalidade; o entendimento do esporte como via de mobilidade social; o esporte como um remédio para as mazelas provocadas pelo crescimento do tráfico de drogas, dentre outros.

Por outro lado, é importante ressaltar o fato de que o futebol, assim como outros esportes, sustenta-se em um ritual – de guerra para muitos - congregando oposições (meu time X o outro, vencedores X perdedores) que, no contexto da Cidade, juntam-se a tantas outras- pobres X ricos, morro X asfalto, favela X condomínio, zona norte X zona sul, etc – dualismos estes que, ainda que os questionemos pela incapacidade de darem conta das múltiplas contradições que os permeiam, bem como de suas imbricações, são retomados nos discursos e nas prática de muitos segmentos sociais. Tentando explicar este processo, sustenta SANDER (2001):

*Em nossa cultura o espetáculo esportivo está assentado sobre uma dinâmica de forças oponentes, na qual o êxito de uma das partes implica o fracasso da outra. Não há síntese possível entre o bandido e o mocinho e, portanto, o confronto entre eles não gera um evento único, um filme tal ou qual. Para os torcedores é a vitória/derrota do seu time que lhes importa sobremaneira e boa parte dos juízos estéticos – que definirão se um jogo foi*

*bom ou ruim, mais do que se foi bonito ou feio – repousa sobre esta variante. Isso não significa que eles se importem apenas com isso, mas o resultado do jogo influencia de tal modo a sensibilidade que acaba se tornando determinante.*

Além destes elementos, não poderíamos deixar de nos referir ao fato de que os jogadores mais votados, sobretudo Romário, incorporarem o espírito do carioca no sentido da “malandragem”, da boemia.

O fato do Rio ser o destino turístico de pessoas oriundas tanto de outras cidades brasileiras, quanto de outros países faz com que os cariocas reconheçam a importância da indústria do turismo para a economia da cidade, bem como do valor dos elementos patrimoniais quando o assunto é dar-se a conhecer, revelar sua identidade, seja através de sua história natural, de seu patrimônio humano e cultural, das artes, da filosofia: *“así, el turista se llevará la imagen que sus anfitriones le ofezcan y esto, además de proporcionar um beneficio econômico, servirá para reforzar la estima que sobre sus factores identitarios tienen los pobladores”.* (ALFONSO, 2003) Não são capazes, entretanto, de perceber os paradoxos presentes na tensão entre o global e o local que, ao mesmo tempo em que se fala em patrimônio e tradição, também se pratica a standardização e homogeneização da paisagem, a mercadização da cultura (HARVEY, 2002), a globalização do patrimônio. Segundo ANICO,

*É atualmente pouco razoável conceber a cultura como propriedade natural, autêntica e essencializada, de populações espacialmente circunscritas, uma vez que o mundo da contemporaneidade se configura como um mundo de cultura em movimento, de hibridação, em que sujeitos e objectos se desvincularam de localidades particulares para se reconfigurarem num espaço e tempo globais. ( 2005, 72)*

Pensando nos elementos que, segundo os depoentes, seriam autênticos patrimônios da Cidade, quantos deles já teriam, como nos apresentou ANICO, se desvinculado da localidade e se reconfigurado num espaço e tempo globais? Traços da culinária, a malandragem do carioca, o carnaval, seus ídolos da música, da TV, dos esportes já se globalizaram, passando, talvez, à condição de *patrimônios da humanidade* – para não falar em mercadorias. Até mesmo o Cristo Redentor<sup>xi</sup> (quer

exemplo mais material e tangível que ele?) já está concorrendo com outros 20 monumentos para garantir o título de uma das sete maravilhas do mundo moderno, o que o colocaria na condição de representar, não só uma cidade, mas uma civilização.

#### **II.4- Sobre os limites da Cidade...**

Ainda que os entrevistados – independentemente do local de moradia, (área central ou Copacabana) - tenham convergido em relação aos temas até então tratados, o mesmo não podemos dizer quanto ao que se ora se coloca; qual seja, o referente aos *limites* da Cidade- onde começa e onde termina o Rio?

Correspondendo à imagem de Cidade que, majoritariamente, ocupa os cartões-postais, neste caso há uma similitude nas respostas dadas pelos entrevistados em ambas as áreas, já que a Zona Sul foi considerada, pela maioria, como o início da Cidade. As semelhanças, entretanto, param por aí.

O Centro da Cidade apareceu com uma freqüência significativa tão somente entre os moradores da referida área, o que se deve tanto ao fato de residirem no próprio lugar, quanto, talvez, ao reconhecimento do processo histórico de ocupação e urbanização da Cidade - iniciado, justamente, naquela região. Por sua vez, a razão da inexpressiva referência à Zona Norte como início ou como fim da Cidade, talvez resulte no fato desta área encontrar-se no “miolo”, não em pontos limítrofes do contexto cidadão.

Dois dados, em particular, nos chamaram à atenção: o primeiro diz respeito ao fato de, dentre alguns dos entrevistados na Zona Sul, o início e o fim da Cidade coincidirem com os limites da área referida, demonstrando uma visão auto-centrada, voltada para o seu próprio umbigo, como se o Rio autêntico se estendesse do “Leme ao Pontal”, como cantava Tim Maia.

O segundo, corresponderia ao número significativo de moradores da área central que fez alusão à Zona Oeste como o fim da cidade<sup>xii</sup>. Seus bairros - os mais distantes ficando cerca de 50 Km do Centro - são vistos como o lugar “onde Judas perdeu as botas” ou “onde o vento faz a curva”. Muitos deles só são conhecidos pelos moradores da Cidade através da mídia, ou “de passagem”, quando se vai para a Costa Verde (Angra, Parati). Quando falam que lá, na Zona Oeste, o Rio termina, é como se, mentalmente, reproduzissem uma linha que, aos moldes das duas principais vias que

cortam a Cidade (a Estrada de Ferro e a Avenida Brasil), se estenderia do Centro a Santa Cruz – o que, em termos reais, significaria um afastamento cada vez maior dos que residem no “final da linha” em relação à infra-estrutura e aos serviços urbanos.

## **II.5- Cariocas da gema... há controvérsias!**

A questão identitária esteve, ao longo das entrevistas realizadas, presente durante todo o tempo. Seja ao falarem sobre os símbolos que representam a Cidade, seja ao referirem-se aos ídolos que melhor expressariam a alma carioca, ou até mesmo ao elaborarem “mapas mentais” em relação ao início e ao fim do Rio de Janeiro, os entrevistados procuraram, de algum modo, afirmar *seu* lugar ante um outro - que pode ser o turista, o paulista, o suburbano, aquele que não é *carioca da gema*. A propósito desta última categoria, há de se ressaltar que, embora tão mencionada, está envolta numa grande ambigüidade, o que se mostrou na dificuldade de tratá-la por parte de nossos entrevistados.

Entre os moradores da área central prevaleceu a idéia de que somente podem ser considerados “cariocas da gema” aqueles nascidos na Cidade (o que corresponderia à situação da maioria deles), sendo que podemos perceber, ainda, um certo “afunilamento” da categoria no discurso de alguns entrevistados, que colocaram como exigências a necessidade dos legítimos cariocas serem também filhos de cariocas e/ou de terem nascido em alguns bairros que considerariam tradicionais, como Centro, Glória e Botafogo.

Já em Copacabana, o fato de se considerar alguém como *carioca da gema* decorre menos de sua naturalidade e mais de seu “estado de espírito”, estilo de vida, assim como do sentimento de orgulho e pertencimento em relação à Cidade. Isto talvez se deva ao fato de Copacabana ser uma *Torre de Babel*, onde há pessoas que, oriundas de outras cidades do Brasil e do mundo, adotaram o Rio como lugar para viver. Neste sentido, as falas vão no sentido de declaração do amor à Cidade, de ser alegre, simpático e hospitaleiro, de gostar de praia, carnaval e vida noturna, etc.

O que pudemos constatar, em relação à temática da identidade, é que, no contexto urbano, ela precisa ser pensada enquanto múltipla, já que, segundo AGIER (2001, 9), “a cidade multiplica os encontros de indivíduos que trazem consigo seus pertencimentos étnicos, suas origens regionais ou suas redes de relações familiares ou extrafamiliares”,

pertencimentos estes que acabam sendo “revistos”, a exemplo do que sustenta FORTUNA (1998: 62-3):

*Eminentemente relacional e interactiva, frente a la creciente complejidad de las sociedades la identidad moderna se muestra contingente y nos remite a una estructura personal, afectiva y cognoscitiva que es progresiva y continuamente (re)construída por los sujetos.[...] La destrucción creadora de las identidades impone la necesidad de revisión del significado atribuido a los centros o matrices primordiales de las identidades típicas de la modernidad: la clase social, el sexo, el grupo étnico, el grupo religioso, la condición laboral y el estatuto educativo y familiar.[...] A este descentramiento del mundo corresponde un nuevo recentramiento de los sujetos, dirigido por la valoración de nuevos signos culturales —entre los cuales se cuentan el consumo, el ocio, el cuerpo, la estética y la continua reinención de las comunidades y las “nuevas tribus”—, que no solamente se equivalen entre sí, sino que también sustituyen a los anteriores en su capacidad de radicación de las identidades de los sujetos.*

### **III- Considerações nada conclusivas:**

Através deste trabalho, procuramos demonstrar que não há como tratarmos de olhares, representações sem a convicção de que se sustentam em incongruências, contradições e exceções. Ainda mais quando o objeto desses olhares é a cidade, o modo de vida urbano que, dada sua extrema complexidade, são impassíveis de serem analisados e descortinados a partir de um único foco, ou através de um único caminho.

A cidade contemporânea, agigantada em sua fisiologia e simbologia, costuma dar-se aos olhos dos cidadãos como grande desconhecida e, em alguma medida, "inspiradora de medo". A promessa trazida pela modernidade em relação a ela, tendo como preceito fundante sua racionalização econômico-administrativa e considerando-a fator de progresso social e de consolidação da democracia, parece, para alguns, evanescente. Mais e mais, torna-se patente a dificuldade de tornar a cidade objeto de intervenção planejada e racional e de se exercer sobre ela (e seus diferentes atores) um pleno controle. (MAIA, 2003)

Palco de estranhamento, de isolamento, de violência e solidão, a cidade contemporânea afirma, assim, a contradição entre, a exemplo do que nos foi sugerido por Benjamin (apud CASTRO, 1998: 143), a cultura e a barbárie.

A perda do sentido do lugar (LYNCH, 1991: 92), da identidade na e com a cidade (de modo especial nas metrópoles), a transformação acelerada de muitas das

referências espaciais são elementos que parecem caracterizar a contemporaneidade. A vivência cotidiana, cada vez mais, torna-se restrita aos limites dos apartamentos, no máximo às muralhas e grades que circundam os condomínios e, em alguma medida, estende-se aos escritórios, aos shopping centers, aos supermercados. A rua, paulatinamente, perde seu sentido clássico, de "lugar de socialização construído no tempo, definido pela pluralidade de suas funções de residência, de troca, de consumo, de relações humanas informais, de vida coletiva" (CHESNEAUX, 1996: 21). Ao contrário, torna-se mero canal de circulação, de passagem.

Tornada estranha, "guetificada", não experimentada em sua plenitude, a cidade deixa, assim, de promover relações sociais e políticas mais amplas. A cisão existente nesta esfera manifesta-se espacialmente, demonstrando partições na "geografia" do mundo urbano. E este é um fato perfeitamente explicável posto ser o espaço não somente uma dimensão física e material, mas um construto e construtor de relações sociais.

Neste sentido, como falar em identidade ou, para alguns, numa "alma da cidade" diante destes (des) caminhos? Longe de procurar respostas para estas e outras contradições ou perseguir verdades na cidade, preferimos parafrasear CALVINO (1999) e "concluir" dizendo que, talvez, não caiba ao pesquisador buscar na cidade qualquer tipo de verdade, e sim aproveitar as respostas que ela [a cidade] dá às suas perguntas. Foi exatamente isto que procuramos fazer ao longo desta empreitada.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- AGIER, Michel. 2001. Distúrbios identitários em tempos de globalização. In MANA 7(2). Rio de Janeiro.
- ALFONSO, Maria José Pastor. 2003. El patrimonio cultural como opción turística. Horizontes Antropológicos, ano 9, nº 20. Porto Alegre, outubro de 2003. p. 97-115.
- ANICO, Marta. 2005. A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade. In Horizontes Antropológicos. Ano 11, nº 23. Porto Alegre, jan/jun 2005. p. 71-86.
- CALVINO, Ítalo. 1990. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras.

- CASTRO, Lúcia Rabello de. 1998. Consumo e a infância barbarizada: elementos da modernização brasileira. In: CASTRO, L. R. (org.). Infância e adolescência na cultura do consumo. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- CHESNEAUX, Jean. 1996. Modernidade Mundo. Petrópolis: Vozes.
- DAMO, ARLEI SANDER. 2001. Futebol e estética. In São Paulo em Perspectiva, Julho de 2001, vol.15, no.3, p.82-91.
- FORTUNA, Carlos. 1998. Las ciudades y las identidades: patrimonios, memorias y narrativas sociales. In ALTERIDADES 8 (16). Mexico, p. 61-74.
- GARCÉZ, Eduardo Kingman. 2004. Patrimonio, políticas de la memoria e institucionalización de la cultura. In Iconos nº 20. Flacso-Ecuador, Quito. Pp 26-34.
- GIL, Beatriz Daruj. *Unidade lexical morro no samba carioca*. Acessado em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/16/04.htm>
- HARVEY, David. 1992. Condição pós moderna. São Paulo, Loyola.
- MAIA, Rosemere. Políticas Urbanas no Rio de Janeiro: requalificação, reordenamento e controle social em busca de competitividade no “mercado mundial” de cidades. 2006. In GOMES, Maria de Fátima Cabral Marques (org). Cidade, transformações no mundo e políticas públicas. Rio de Janeiro, DP&A, Coleção Espaços do Desenvolvimento – 280 p.
- \_\_\_\_\_. Reencontrando a cidade- um ensaio sobre a configuração das metrópoles na contemporaneidade: seus dilemas e perspectivas. 2003. In Boletim Goiano de Geografia , v.23 (nº 1). Goiânia, jan-jun 2003. p 23-40.
- SANTOS, Cecília Rodrigues dos. 2001. Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural. In São Paulo em Perspectiva, nº 15(2). São Paulo. Pp. 43-48
- SENNETT, Richard. 1998. O declínio do homem público. São Paulo: Companhia das Letras.
- SEOANE, Maria Luisa Lourés. 2001. Del concepto de “monumento histórico” al de patrimonio cultural. In Ciencias Sociales, vol 1, nº 94. Costa Rica.
- SOJA, E. 1998. Seis discursos sobre la post-metrópolis. In Urban, nº 2. p 37-50.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches e PORTO, Maria do Rosário Silveira. 1998. Violência, insegurança e imaginário do medo. São Paulo, Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/98. Acessado em [www.scielo.br](http://www.scielo.br)

TOTA, ANTONIO PEDRO. 2001. **Cultura, política e modernidade em Noel Rosa.**

*São Paulo Perspec.*, jul./set 2001, vol.15, no.3, p.45-49. ISSN 0102-8839.

TUAN, Yi-Fu. 1983. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL.

---

<sup>i</sup> Constatamos nas políticas urbanas contemporâneas uma tendência a imprimir à cidade uma determinada marca (seu “diferencial” em relação às demais), ao mesmo tempo em que, como nos diria HARVEY (2001), associa-se a esta marca (e, logicamente, às ações dos empreendedores - públicos ou privados) elementos como “respeitabilidade, qualidade, prestígio, confiabilidade, inovação”. A marca, por sua vez, passa a figurar como o diferencial de uma cidade, sendo constituída a partir daquilo que esta apresenta como sua vocação: algumas aproveitam belezas naturais, outras apostam na sua história e monumentalidade, mostrando-se “vocacionadas” para o turismo; um outro grupo exalta o fato de adequar-se aos imperativos do terciário avançado e passa a investir no trabalho, na atração de empresas; e assim, entre as próprias cidades, parecem definir-se especializações, complementaridade e, paradoxalmente, competição. (MAIA, 2006)

<sup>ii</sup> Importância de espaços adequados à criação de alegorias - cada vez maiores; proximidade em relação ao sambódromo - evitando os transtornos tão freqüentes na época do carnaval, quando algumas agremiações sediadas nos subúrbios cariocas e em outros municípios da Região Metropolitana do Rio , atravessavam quase toda a Cidade com seus carros alegóricos.

<sup>iii</sup> *“Esse imaginário do medo, bem como sua concretização, tem suas raízes paradoxalmente fincadas, por um lado, numa crença infinita na razão, que pretende explicar o medo por meio do conhecimento científico e eliminar simultânea e gradativamente formas simbólicas de tratá-lo; por outro, num excessivo individualismo próprio do liberalismo moderno (self made man), que vem promovendo, cada vez mais, o distanciamento entre os indivíduos. Ambas as atitudes – racionalizadora e individualista – têm como fundamentos justificadores e legitimadores uma visão etnocêntrica predominante, cujas conseqüências concretas são a marginalização e a exclusão do diferente, do Outro”.* (TEIXEIRA e PORTO, 1998)

<sup>iv</sup> O Morro da Conceição é um marco da ocupação original da cidade, tendo seus primeiros habitantes já no século XVI. Sua arquitetura preserva muitos elementos do Rio Antigo: os sobrados, os becos, as escadarias, as ruas de pedra. As casas possuem uma centralidade no morro, o que faz dele uma área eminentemente residencial.

<sup>v</sup> Segundo ANICO (2005), este sentimento nostálgico em relação ao passado abriria caminho a uma indústria da nostalgia onde *“o passado é resgatado, idealizado, romantizado e não raras vezes inventado, mediante processos que incluem a patrimonialização da cultura”.*

<sup>vi</sup> E, neste sentido, falam do papel detido pela mídia que, apesar do destaque que tem dado a notícias enfocando a violência, também veicula outras tantas que ressaltam as “qualidades” da cidade, em plena sintonia com sua vocação: belezas naturais, futebol, carnaval, belas mulheres, etc.

<sup>vii</sup> Para Tuan (1983):

---

*“O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor. [...] As idéias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite o movimento, então o lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. [...] Rivalidade ou conflito com outros lugares, proeminência visual e o poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos. Os lugares humanos se tornam muito reais através da dramatização. Alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos.”*

<sup>viii</sup> Segundo SANCHEZ (2001), este sentimento de orgulho e pertencimento resumiria a idéia de “patriotismo de cidade”, tão em voga na contemporaneidade.

<sup>ix</sup> MATOS (1982) compreende que a figura do malandro, que transcende o acontecimento do carnaval, corresponde a essa idéia de fantasia: é o indivíduo das classes populares que cria um personagem por meio de adereços fantasiosos, o lenço no pescoço, o chapéu de palha, por exemplo, buscando colocar-se como alguém respeitado, temido, bem posicionado socialmente: *“O malandro enquanto caricatura do burguês representa metaforicamente a fantasia do oprimido ao mesmo tempo que o conflito social do qual ele provém”* (MATOS, 1982:65). *Essa idéia da fantasia aponta para o indivíduo marginalizado que quer ser inserido no meio social e, com a fantasia, aproxima-se desse mundo desejado, carregando, assim, um discurso de seu grupo social.* (GIL, S/D)

<sup>x</sup> O lazer, para nossos entrevistados. Costuma ser visto como uma atividade desinteressada, no sentido postulado por HUIZINGA, qual seja, *“de se estar afastado do desejo imediato ou da gratificação instantânea”* (SENNETT: 1998: 386), da mesma maneira que surge como uma prática capaz de “suspender” as pressões cotidianas.

<sup>xi</sup> O Cristo de Janeiro, além de símbolo da Cidade, é também um dos principais monumentos do Brasil, tombado, desde 1973, pelo IPHAN, sendo considerado Patrimônio Histórico Nacional. Em 1990 foi tombado pela Prefeitura do Rio de Janeiro.

<sup>xii</sup> Detentora de uma área de cerca de 60% da Cidade, a Zona Oeste, apesar de toda sua histórica – teve sua importância econômica durante o ciclo do café, e também política, já que a família imperial possuía imóveis de veraneio na região de Santa Cruz. A estrada de ferro facilitou o surgimento de núcleos urbanos à sua margem. Além disto, há que se considerar o peso que a citricultura teve na região entre os anos 20 e 50 do século passado. Mas foi a partir da década de 60, em virtude da especulação imobiliária (que inflacionou o preço dos imóveis mais próximos ao Centro da Cidade - lócus privilegiado de trabalho, consumo e lazer dos segmentos populares, naquele momento), associada às iniciativas de remoção de favelas, que a Zona Oeste perdeu sua característica rural e vem, gradativamente, assumindo sua feição urbana, ainda que em desvantagem em relação a outras áreas da cidade, no que se refere a investimentos em infra-estrutura e nos serviços.